

# Bancos vêm o Brasil

15 DEZ 1982

*Economia*

por Mário Watanabe  
de São Paulo

A situação brasileira é mais sólida do que a de países como a Argentina e o México, mas, mesmo assim, será inevitável renegociar a dívida externa. A opinião é manifestada por uma inquietante parcela de 48,7% dos maiores bancos privados internacionais que responderam a uma pesquisa da revista *Balanço Financeiro*, que será publicada na edição do próximo dia 20; outros 46,1% admitem, no entanto, que essa medida extrema "provavelmente" não será necessária.

Realizada antes do anúncio oficial da ida do Brasil ao FMI, no final de novembro, a pesquisa mostra ainda que a maioria dos grandes bancos internacionais considerava essa decisão do governo brasileiro inevitável.

A uma pergunta sobre as possibilidades de o País levantar no mercado internacional os cerca de 13 bilhões de dólares necessários ao fechamento do balanço de pagamentos em 1983 — desde que, é claro, as estimativas oficiais de um superávit comercial de 6 bilhões de dólares se confirmem —, todos, com exceção de um que deixou a resposta em branco, afirmam que isso será difícil ou mesmo impossível.

Da mesma forma, a maioria assinala que o papel dos bancos privados internacionais como supridores de crédito ao País está muito perto ou perto do limite admissível, além de uma parcela significativa de 23,7% que considera esse limite já atingido. Em consequência, os bancos privados dizem reclamar uma participação mais ativa de organismos internacionais e agências governamentais de países desenvolvidos no suprimento de crédito ao Brasil e a outros países em desenvolvimento.

A previsão de que o Brasil acabaria por recorrer aos empréstimos condicionados do FMI e, assim, submeter-se a um programa de ajustamento ditado pelo organismo fica ainda mais clara quando 52,6%, em outra pergunta, respondem que a medida é indispensável para manter a credibilidade do País pe-

rante a comunidade financeira internacional. E se, em razão de seu estrangulamento cambial, o Brasil tiver de aprofundar a atual política recessiva, paciência: para 78,9%, a recessão no País é "dolorosa, mas necessária".

De modo geral, os bancos internacionais que responderam à pesquisa associam suas preocupações com a situação brasileira ao quadro de retração do comércio mundial e de estreitamento de liquidez no sistema financeiro. Sobre a evolução do comércio mundial, por exemplo, nenhum banco prevê expansão satisfatória em 1983, enquanto 50% consideram que haverá uma expansão não satisfatória e os outros 50%, que o movimento se manterá nos níveis deste ano ou declinará (lembrando-se que, mesmo em valores nominais, o comércio mundial vem caindo desde 1980). Quanto à liquidez do sistema financeiro internacional, também a maioria (73,7%) prevê uma dimi-

nuição em termos reais ou, no máximo, a manutenção dos níveis deste ano.

Se há preocupações com o curto prazo, contudo, os banqueiros mostram que continuam a acreditar nas potencialidades do País a longo prazo, vale dizer, em sua capacidade de superar os problemas atuais. O Brasil continua a ser um bom risco para os investimentos estrangeiros, segundo 84,2% das respostas — um índice praticamente igual aos 85,7% obtidos numa pesquisa anterior, realizada no ano passado. E mais: 71,1% aplaudem a abertura política, afirmando que a vitória da oposição em importantes estados em nada afeta o grau de risco do País.

A pesquisa foi realizada junto a 384 dos 500 maiores bancos do mundo, classificados na última lista da revista *The Banker*. Encaminhada à matriz dos bancos e sempre para a principal executiva, ela teve a resposta de 41 instituições, num retorno de 10,7%.